Ano 22 - Nº 264 - JAN-FEV/2017

# REVISTA HOSP

www.revistahosp.com.br

Veja conteúdos interessantes para:
- ✓ Enfermagem
- ✓ Administração
- ✓ Engenharia Clínica

## ANADOLU MEDICAL CENTER:
inovação e responsabilidade social

**Entrevista:** Dario Birolini explica a *Slow Medicine*

**Enfermagem:** conceitos fundamentais no tratamento de feridas

**Tecnologia:** Certificação digital em saúde

REVISTA HOSP

**Publisher:** Isa Bombardi

**Publicidade:**
comercial@revistahosp.com.br
(11) 3835-4255

**HOSP - Suprimentos e Serviços Hospitalares** – Registrada no 1º Cartório de Registro de Títulos e Documentos sob o nº 183.561, de acordo com a Lei de Imprensas 6.015/73 e no INPI. Dirigida e qualificada a hospitais, clínicas, unidades mistas, pronto-socorros, postos e centros de saúde públicos e privados de todo o território nacional, secretarias municipais de saúde, prefeituras municipais, universidades, associações e entidades de classe, indústrias, distribuidores e revendedores de máquinas, equipamentos, produtos e serviços. A reprodução de artigos, reportagens ou notícias por qualquer meio é permitida. Os conceitos dos artigos assinados são de responsabilidade dos autores. Todas as informações são originadas de entrevistas, releases e catálogos das empresas. A responsabilidade das informações contidas nos anúncio é dos anunciantes.

**Impressão e Acabamento:**
Vox Editora - Tel.: (11) 3871-7314

**Diretora Responsável:**
Maria Bombardi

**Editora Suprimentos e Serviços Ltda.**
R. Gomes Freire, 331 - CEP: 05075-010
São Paulo - SP - Brasil
Telefax: (11) 3835-4255

# *SLOW MEDICINE:*
# A ARTE DE OUVIR O PACIENTE

A medicina tem sido uma das áreas do conhecimento humano que mais tem apresentado novidades e desenvolvimento com o passar dos anos. As formas e mecanismos de diagnóstico foram se especificando, agregando mais e mais itens e ferramentas tecnológicas com uma velocidade espantosa. Contudo, antes de qualquer tecnologia revolucionária, a consulta clínica, a conversa detalhada com o paciente, o preparo do profissional para entender as nuances da queixa inicial são fundamentais e indispensáveis. Esse cuidado é a base da *Slow Medicine*, filosofia que surgiu na Europa e está sendo trazida ao Brasil pelo Dr Dario Birolini e parceiros, e que tem por objetivo ouvir mais e melhor o paciente, e usar a parafernália técnica depois de esgotadas as possibilidades de mudança de hábitos e correções elementares no estilo de vida, que em grande parte, ajudam a resolver o quadro. Leia a entrevista e conheça os fundamentos.

Conheça também o perfil de Sandro Pinheiro, um jovem empresário que fez de seus conhecimentos uma ferramenta para auxiliar entidades de saúde a gerir de maneira inteligente seus leitos e recursos.

Você vai conhecer nessa edição dois estabelecimentos de saúde: o Hospital 9 de Julho, que ao longo de seus mais de 60 anos de história tem representado importante papel em termos de serviços de saúde, sendo uma das mais tradicionais referências no setor. Há ainda o Anadolu Medical Center, em Istambul, Turquia, que se transformou em um centro de excelência com tecnologia avançada para tratamentos oncológicos.

A seção de tecnologia traz um interessante artigo sobre certificação digital e sua importância nos serviços médicos, além de apresentar uma nova terapia para o tratamento de refluxo.

Boa leitura!

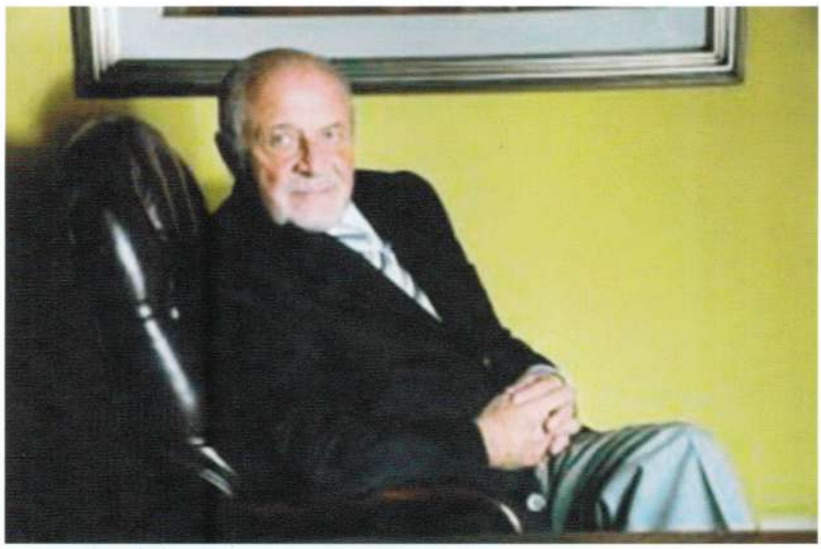
## CONVITE

A revista HOSP quer a sua participação: opine, indique temas, seções, tudo que poderia deixar a revista ainda mais aprimorada para a sua rotina: redacao@revistahosp.com.br.

**Importante:** Antes de adquirir qualquer produto, certifique-se de que o mesmo está de acordo com as normas exigidas por lei.

# *SLOW MEDICINE* – o resgate da medicina sem pressa, que valoriza o "tempo para ouvir"

## Nesta edição, a Revista HOSP ouviu o Dr Dario Birolini, mentor da implantação desta filosofia no Brasil



Os tempos modernos trouxeram inúmeros avanços, modernidades e confortos em todas as áreas da vida humana, nos campos pessoal e profissional. Contudo, esse avanço cobrou seu preço, na medida em que as pessoas passaram a ter cada vez menos tempo, a viver cada vez com mais pressa. Isso se reflete também na prestação de serviços de saúde. Quem nunca passou por uma consulta médica que levou menos de cinco minutos e saiu do consultório com uma relação de exames e medicamentos?

Cientes do impacto desse modelo no resultado final, alguns profissionais seguiram a filosofia nascida na Itália do *Slow Food* (que valoriza a boa alimentação e um ritmo de vida mais reduzido), e a aplicaram no serviço de saúde, guiados pelo cardiologista italiano Alberto Dolara.

**Revista HOSP:** Como o senhor percebeu a necessidade da prática de um modelo diferente de medicina?

**Dr Dario Birolini:** Eu pratico essa medicina diferente da contemporânea desde que eu me formei, há mais de 40 anos. Na verdade, aquilo que eu entendo como uma medicina diferente, é o que está sendo realizado agora, em que o médico não trata mais do paciente, mas sim de sintomas e de achados de exames, e não do paciente, em si. Em geral, quando se fala de problemas como gastrite, colo irritável, entre outros, em geral falamos de problemas que são muito mais funcionais do que orgânicos. Comumente, atrás desses problemas estão hábitos de vida inadequados, que ao serem corrigidos, promovem enorme melhoria das queixas. Atualmente, o comum é que o paciente saia do consultório com indicação de medicamentos, que em grande maioria apresentam efeitos colaterais, e levam o paciente a tomar mais remédios, e assim por diante, criando um círculo vicioso extremamente prejudicial à sua saúde. A conscientização desse processo é algo que valorizo há muito tempo, muito antes de Marco Bobbio lançar seu livro e muito antes do nascimento da *Slow Medicine* na Itália. Eu já pensava assim. Por isso que, quando eu recebi o livro do Marco Bobbio e comecei a ler, percebi que eu não estava sozinho nas minhas convicções médicas. Isso me entusiasmou a traduzir o livro e trazer o Dr Bobbio para o Brasil, e disso resultou no nascimento da *Slow Medicine* no Brasil.

**HP:** E como surgiu a *Slow Medicine* na Itália?

**DB:** Surgiu porque alguns médicos clínicos tiveram consciência dessa confusão em que se encontra a medicina nos dias atuais, e criaram esse programa, da mesma forma que foi criado o *Slow Food* para valorização do comer bem e sem pressa, em oposição ao *Fast Food*. Estes mesmos argumentos fizeram surgir nos EUA o *Choosing Wisely,* que tem as mesmas diretrizes. Na realidade o programa *Slow Medicine* nasceu no Piemonte, Itália, por uma iniciativa do Dr Alberto Dolara. A ideia consiste em que cuidados de boa qualidade, somados a uma comunicação adequada entre as partes envolvidas no processo de saúde levem a uma redução dos custos na prestação desse serviço, reduzam o desperdício, promovam a adequação da utilização dos recursos disponíveis, a sustentabilidade e a equidade dos

serviços de saúde, levando a uma melhoria da qualidade de vida do cidadão nas mais diferentes fases da vida.

**HP:** Quais os impactos dessa visão no paciente?

**DB:** O resultado é fantasticamente positivo. Se você, ao atender um paciente, investir tempo suficiente para ouvi-lo, vai notar que ele tem um perfil psicológico, funcional e físico único. Não existem dois seres humanos iguais no planeta. Então, à medida que se conversa com o paciente, passa-se a conhecer seus hábitos de vida, seu ambiente familiar e laboral, seu perfil emocional, o tipo de alimentação que usa, se exerce atividade física, enfim, consegue-se fazer uma análise global, holística do paciente, e não simplesmente voltada para os sintomas ou a doença que ele apresenta. Isso tudo permite identificar se ele realmente precisa de um tratamento ou se pode ser simplesmente curado pela modificação de seus hábitos de vida. Na realidade é uma questão de se entender o paciente como um todo. Para ele, esta é uma forma extremamente útil no sentido de incentivá-lo a fazer um investimento positivo para o futuro, e deixar de ser vítima de exames e de medicamentos, de sugestões e de informações, ou melhor, de desinformações veiculadas na mídia, prejudiciais ao seu bem-estar.

**HP:** Em geral, o paciente busca o consultório com um diagnóstico quase que estabelecido, baseado nas opiniões de parentes e amigos, e acreditando que existe uma panaceia mágica que com um "remedinho" todos os seus problemas serão resolvidos. Como é mudar esse paradigma?

**DB:** Isso na verdade é um investimento. Uma consulta minha demora cerca de uma hora, porque o doente me conta seus problemas e o que está sentindo, e eu faço diversas perguntas para tentar entender claramente o quadro que se configura. A seguir, faço um exame clínico à moda antiga. Avalio a pressão, a circulação, o coração, os pulmões, a tiroide, enfim, faço uma avaliação clínica absolutamente completa. Então, com base nestes achados, chego a uma hipótese diagnóstica. A partir daí, vou explicar para o paciente, qual a minha conclusão, como cheguei a ela, e à medida que ele vai fazendo novas perguntas, vou investindo na explicação. Tenho em meu consultório vários livros e atlas, por exemplo, de anatomia e de fisiologia, que uso para esclarecer a origem dos sintomas que ele apresenta. Assim, vou explicando que modificando alguns hábitos, ele pode resolver ou melhorar muito o problema, sem a necessidade de exames ou medicamentos. Claro que tal abordagem não é válida em 100% dos casos, mas se me perguntar se é mais válida do que dar remédios ou fazer diagnósticos fantasia, eu não tenho a menor dúvida quanto a isso. A grande maioria dos pacientes volta aqui feliz e satisfeita com a orientação e resultados obtidos.

**HP:** O senhor acha que essa mudança de conceito tem de vir da escola médica?

**DB:** Essa é uma excelente pergunta. Obviamente, minha resposta é sim, mas deixe-me explicar. Não sei se você já ouviu falar alguma vez no Flexner Report. Há cerca de um século, nos EUA chegou-se à conclusão que havia muitas escolas médicas privadas, que eram abertas com finalidades exclusivamente financeiras. Com isso eram colocados no mercado muitos profissionais diplomados, mas com pouco conhecimento prático e teórico. Após a liberação desse documento, foram fechadas todas as escolas médicas privadas nos EUA. Nos tempos atuais, estamos vivendo no Brasil uma catástrofe semelhante. Temos mais de 300 escolas médicas, na grande maioria sem recursos necessários para formar médicos qualificados. O ideal seria que os estudantes de medicina fossem conscientizados do que é a medicina e sua prática. Sempre digo que hoje em dia, os jovens estudantes de medicina são vítimas de uma dupla fatídica: "*inovation and technology*". Só é bom o que é novo e tecnologicamente avançado. Só que o ser humano é o mesmo há milhares de anos, com as mesmas características anatômicas e fisiológicas. Na realidade, eu acho que seria fundamental que os alunos, durante o curso médico, fossem conscientizados de todas as inovações tecnológicas e farmacológicas, mas que fossem incentivados a utilizá-los de forma racional, e não de uma forma indiscriminada, acreditando muito mais no uso de exames e remédios do que na sua própria habilidade clínica.

**"Há cerca de um século, nos EUA chegou-se à conclusão que havia muitas escolas médicas privadas, que eram abertas com finalidades exclusivamente financeiras. Com isso eram colocados no mercado muitos profissionais diplomados, mas com pouco conhecimento prático e teórico"**

**HP:** Que conselhos o senhor daria para os profissionais que estão sendo formados, em relação a essa outra abordagem clínica?

**DB:** Obviamente, esse é o maior desafio, porque atualmente, o médico é formado em poucos anos, e a cada dia que passa é bombardeado por informações altamente questionáveis. Mesmo as publicações em revistas médicas divulgam milhares de informações E o médico jovem, para se manter atualizado, procura lê-las e assimilá-las. Só que muitas vezes essas publicações não correspondem à realidade, ou seja, divulgam aquilo que Marco Bobbio chamou de "indução de necessidades". Por exemplo, que você deva, desde a juventude, começar a tomar medicamentos para prevenir colesterol alto, e outras medidas desse tipo, que são absolutamente desnecessárias e prejudiciais ao paciente. Conseguir conscientizar os jovens médicos a respeito disso é uma tarefa muito complicada, mas eu entendo que se nossas faculdades de medicina, nossos conselhos de medicina, nossas entidades públicas de saúde começassem a fazer um certo investimento nesse sentido, isso resultaria numa melhoria da assistência e numa diminuição radical de custos. Muitas vezes os médicos são induzidos a adotar a realização maciça de exames, que frequentemente são desnecessários. Isso faz parte de uma filosofia que nos EUA é denominada de "*defensive medicine*" ou medicina defensiva, que eu chamo de "*offensive medice*", ou "*expensive medicine*", em que o médico, até para sua proteção, pede dezenas de exames e prescreve diversos medicamentos para tratar sintomas, de forma a assegurar que seguiu todos os protocolos previstos, evitando, assim, incômodos jurídicos. Dentro desta mesma linha de pensamento, lembrando o que comentei há pouco, que cada um de nós tem seu perfil físico e funcional próprio, dever-se-ia investir no tratamento individual, mas, hoje em dia, não se trata mais o indivíduo, mas sim a população, através da adoção de protocolos. Acontece que na maioria das vezes, esses protocolos são questionáveis e levam em conta queixas e sintomas e não as causas que os geram. Assim, é importante conscientizar os médicos da necessidade de investir no tratamento personalizado.

**HP:** E como a comunidade médica tem recebido isso?

**DB:** Veja, a comunidade médica é também uma comunidade heterogênea. Temos colegas que nos congratulam pela iniciativa do movimento, e há os que nos questionam muito, acreditando que a partir dessa filosofia, deixaremos de prescrever medicamentos indicados, e criaremos novos problemas de saúde pública. Então, essa não é uma tarefa fácil. Se vai dar cero em curto prazo, a resposta é não. Mas o que eu sempre falei, conforme dizia um paciente meu: "para atravessar o deserto, é preciso dar o primeiro passo". Na realidade, o que estamos tentando alcançar é induzir algumas lideranças a analisar essa filosofia, não no sentido de incentivar a adoção de medidas radicais, mas simplesmente para estimular a criação de mecanismos educativos que permitam que as pessoas, seja elas profissionais de saúde ou leigos, tenham consciência disso. O médico, depois de conhecer o que é a *Slow Medicine* e achar que ela não combina com sua prática médica, poderá continuar a exercer sua atividade profissional, sem vínculos com as propostas da *Slow Medicine*. Mas de qualquer forma, acho importante conscientizar os médicos, particularmente os mais jovens, no sentido de que pensem a respeito desse assunto e avaliem seu possível impacto na prática médica e que, em vez de pegar a caneta e imediatamente solicitar exames e prescrever remédios, analisem se há a possibilidade de adotar outras medidas terapêuticas.

**HP:** Em termos de política de saúde, o senhor acredita que essa prática melhore o quadro da Saúde Pública no Brasil? Há alguma ação da *Slow Medicine* Brasil junto ao Ministério da Saúde?

**DB:** Com relação ao efeito dessas medidas, eu não tenho a menor dúvida que essa prática pode promover melhorias no quadro da saúde pública. Volto a repetir que eu pratico a *Slow Medicine* há 40 anos, sem ter noção de que um dia ela seria vista como o é hoje. Eu entendo que a *Slow Medicine* defende a prática de uma medicina honesta, e não tenho dúvidas de que sua adoção poderia trazer vantagens para a sociedade. Acho que o nosso papel, levando-se em conta nossas limitações pois, afinal, nenhum de nós é perfeito, é tentar chegar a uma conclusão tanto do ponto de vista diagnóstico quanto terapêutico, respeitando o doente, explicando a ele claramente o que está acontecendo, expondo nossas eventuais dúvidas e induzindo-o a adotar hábitos de vida mais saudáveis, que serão mais seguros para ele. Quanto ao contato com entidades públicas, quando da publicação da tradução do livro do Dr Bobbio, enviamos um exemplar do livro para diversas autoridades e instituições, mas tivemos pouco retorno. Se você me pergunta se essa filosofia pode ter uma importância grande, minha resposta é sim. Por esta razão, vamos continuar essa campanha de tentar conscientizar as nossas autoridades a respeito da importância desses fatos. De vez em quando, recebo convites para dar aulas e palestras em hospitais e instituições a respeito de *Slow Medicine*. Assim, entendo que algumas pessoas começam a perceber esta iniciativa como uma perspectiva interessante de futuro. Acho importante que as revistas, tanto as destinadas ao público leigo, quanto aos profissionais de saúde, divulguem informações no sentido de conscientizar os leitores a respeito da importância dessa prática. Talvez seja ainda uma fantasia, mas se não começarmos a investir na divulgação, não será nunca uma realidade. Para finalizar, gostaria de explicar que ainda não temos uma Associação Brasileira de *Slow Medicine*. Temos uma iniciativa, da qual eu sou o idealizador, e trabalho em parceria com o Dr José Carlos A Campos Velho, que é o verdadeiro diretor *Slow Medicine* Brasil, e com o Dr Kazusei Akiyama, que é o responsável pela divulgação das informações. Na Itália, onde o movimento se originou, há uma associação estabelecida, composta por médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde, além de cidadãos, e como o sistema de saúde é público, ela tem uma atuação muito mais importante no sentido de colaboração com as autoridades de saúde. No Brasil, a *Slow Medicine* foi lançada formalmente em outubro de 2016, e aos poucos o movimento está sendo divulgado com a finalidade de contribuir para a saúde pública no país.

**Dario Birolini** é cirurgião geral, formado pela Faculdade de Medicina da USP e mentor do *Slow Medicine* no Brasil.